

EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURAL NA PANDEMIA E ESTUDOS (CU)IER: CORPOS SUBVERSIVOS EM CENA

Aline Santos do Nascimento

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

© nasc_aline@hotmail.com |  <https://orcid.org/0000-0001-8058-9203>

Cyndel Nunes Augusto

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

© cyndel.augusto@gmail.com |  <https://orcid.org/0000-0002-4824-6718>

Marcos Garcia Neira

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

© mgneira@usp.br |  <https://orcid.org/0000-0003-1054-8224>

Recibido el 10 de octubre de 2021; aceptado el 12 de febrero de 2023

Disponible en Internet en septiembre de 2023

RESUMO: O presente artigo analisa vídeos produzidos em 2020 por docentes que afirmam colocar em ação o currículo cultural de Educação Física, como alternativa para promover o ensino remoto emergencial no contexto da pandemia de COVID-19. Após a assistência às gravações publicadas no canal do Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar (GPEF-FEUSP), foram selecionados os trechos que abordam as relações de gênero e sexualidade constituintes das tematizações das práticas corporais para, em seguida, confrontá-los com os argumentos disponíveis na literatura dos estudos *queer* e *queer* decolonial. A proposta aqui apresentada é de reflexão sobre a possibilidade de aparição dos corpos subversivos no contexto pandêmico, sobre a visualização da estética corpórea dissidente nas aulas remotas e quais foram as experiências possíveis na Educação Física.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Currículo cultural; Teoria Queer; Cuier; Pandemia

CÓMO CITAR ESTE ARTÍCULO:

Nascimento, Aline Santos do, Cyndel Nunes Augusto y Marcos Garcia Neira. 2024. "Educação Física cultural na pandemia e estudos (cu)ier: corpos subversivos em cena", *Debate Feminista*, año 34, vol. 67, pp. 221-252, e2406, <https://doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.2024.67.2406>

DEBATE FEMINISTA 67 (2024) pp. 221-252

Año 34, vol. 67 / enero-junio de 2024 / ARTÍCULOS

ISSN impreso: 0188-9478 | ISSN electrónico: 2594-066X

e2406 | <https://doi.org/10.22201/cieg.2594066xe.2024.67.2406>

© 2024 Universidad Nacional Autónoma de México, Centro de Investigaciones y Estudios de Género.

Este es un artículo Open Access bajo la licencia CC BY-NC-ND

(<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

EDUCACIÓN FÍSICA CULTURAL EN LA PANDEMIA Y ESTUDIOS CUIR: CUERPOS SUBVERSIVOS EN ESCENA

RESUMEN: El presente artículo analiza videos producidos en 2020 por docentes que afirman poner en acción el currículo cultural de Educación Física como alternativa para promover la enseñanza remota de emergencia en el contexto de la pandemia de COVID-19. De las grabaciones publicadas en el canal del Grupo de Investigaciones en Educación Física escolar (GPEF-FEUSP) fueron seleccionados los segmentos que abordan las relaciones de género y sexualidad que son parte de los temas de las prácticas corporales para confrontarlos con los argumentos disponibles en la literatura de los estudios *queer* y *queer* decolonial. La propuesta aquí es reflexionar sobre la posibilidad de aparición de los cuerpos subversivos en el contexto de la pandemia, la visualización de la estética corporal disidente en las sesiones remotas y las experiencias de Educación Física que se hicieron posibles.

PALABRAS CLAVE: Educación física; Currículo cultural, Teoría queer; Cuir; Pandemia

CULTURAL PHYSICAL EDUCATION DURING THE PANDEMIC AND QUEER STUDIES: SUBVERSIVE BODIES IN ACTION

ABSTRACT: This article analyzes videos produced in 2020 by teachers who implemented the cultural curriculum of physical education as an alternative for promoting emergency remote teaching in the context of the COVID-19 pandemic. After watching recordings shown on the Grupo de Pesquisas em Educação Física (Group of Physical Education Surveys (GPEF-FEUSP) channel, the authors selected excerpts addressing gender relations and sexuality that constitute the thematization of bodily practices, subsequently comparing them with the arguments available in queer and decolonial queer studies literature. They propose reflecting on the possibility of the emergence of subversive bodies in the pandemic context, the visualization of dissident corporeal aesthetics in remote classes and possible experiences in Physical Education.

KEYWORDS: Physical Education; Cultural Curriculum; Queer Theory; Queer; Pandemic

MOVIMENTOS DE CONTÁGIO

Os dois primeiros anos da pandemia de COVID-19 reiteraram os alertas que têm sido negligenciados há tempos: é fundamental (re)construir alianças de cuidado e generosidade; defender a democracia, a ciência e a vida; reconhecer a precariedade constitutiva que atravessa o corpo de todos os sujeitos e, mais do que nunca, reivindicar e construir políticas públicas de combate à fome e miséria. As consequências da desatenção a tais princípios se fazem sentir em todos os cantos e recantos da nossa sociedade. Vidas perdidas, democracias em risco, eclosão de conflitos, milhões de pessoas alijadas da sua dignidade, entre tantas outras mazelas profundamente agravadas pelo vírus letal. No Brasil, mais do que descaso, o que se viu foi uma política de morte materializada no negacionismo científico, incentivo à aglomeração e a retirada de direitos básicos para a manutenção da vida em meio a um cenário que há muito não se vivia. Os resultados são conhecidos: quase 700 mil vidas ceifadas.

Desde a década de 1980 — à medida que o neoliberalismo se foi impondo como a versão dominante do capitalismo e este se foi sujeitando mais e mais à lógica do sector financeiro —, o mundo tem vivido em permanente estado de crise. [...] Mas quando se torna permanente, a crise transforma-se na causa que explica todo o resto. Por exemplo, a crise financeira permanente é utilizada para explicar os cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social) ou a degradação dos salários. E assim obsta a que se pergunte pelas verdadeiras causas da crise. O objetivo da crise permanente é não ser resolvida. Mas qual é o objetivo deste objetivo? Basicamente, são dois: legitimar a escandalosa concentração de riqueza e boicotar medidas eficazes para impedir a iminente catástrofe ecológica. Assim temos vivido nos últimos quarenta anos. Por isso, a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise à

que a população mundial tem vindo a ser sujeita. Daí a sua específica periculosidade (Sousa Santos 2020: s/n).

Políticas de isolamento social foram implementadas — sem a rigorosidade com que deveriam — e nesse contexto surgiu o ensino remoto emergencial como alternativa para tentar garantir o direito à educação de todas/os as/os estudantes, frear a transmissão do vírus e evitar o colapso do sistema de saúde.¹ Enquanto alternativa para interagir com suas turmas, para além das plataformas digitais disponibilizadas pelas secretarias da educação e dos materiais didáticos especialmente elaborados para o momento pandêmico, em 2020 e 2021, os/as docentes, engajados/as por suas responsabilidades e na tarefa de manter a comunicação e o cuidado com todos/as os/as estudantes, produziram novos instrumentos pedagógicos.

Sem nos estendermos nas críticas ao formato do ensino remoto emergencial, à falta de suporte do aparato oficial a discentes e docentes, às cobranças para se seguir com uma suposta normalidade quando a situação mundial era extremamente complexa, o presente artigo se debruça sobre o modo como alguns/algumas docentes produziram o currículo cultural da Educação Física durante o isolamento social por conta da pandemia de COVID-19, com ênfase nas escritas-currículo (Bonetto e Neira 2019) que trouxeram os corpos subversivos à cena.

O currículo cultural da Educação Física é uma proposta/aposta inspirada nas chamadas teorias pós-críticas do currículo. Resumidamente, a teorização pós-crítica oferece outras ferramentas conceituais para análise do social, toma a cultura como campo de lutas pela validação dos significados, o conhecimento como resultado de encontros

¹ Utilizamos o termo emergencial por compreender que a escolha desse formato se deu na tentativa de conter a circulação da COVID-19 realizando o isolamento social determinado pelos governos municipais, estaduais e federais. Reforçamos nossa posição contrária a esse tipo de ensino na educação básica e a todas as tentativas de tornar lei (PLs nº 3.179/2012, nº 3.261/2015, nº 10.185/2018, nº 5.852/2019, nº 3.3262/2019, nº 6.188/2019 e nº 2.401/2019) o ensino domiciliar.

perpassados por relações de poder e atribui à linguagem a função de produtora da realidade. Apoiado nesses referenciais, o currículo cultural da Educação Física concebe as práticas corporais como textos da cultura impregnados pelos marcadores sociais da diferença; promove experiências formativas que aprimoram a leitura da ocorrência social das brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas, bem como das pessoas que delas participam, e subsidia a sua reconstrução segundo as características do contexto (Neira e Nunes 2022).

Considerando o compromisso da Educação Física culturalmente orientada com a problematização das representações e a desconstrução dos discursos que circulam sobre as práticas corporais e seus/suas praticantes, surgiu o interesse de investigar a efetivação da proposta diante das condições impostas pelo ensino remoto emergencial. Para tanto, submetemos à análise os registros em vídeo produzidos por docentes que atuam em escolas públicas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio situadas na região metropolitana da cidade de São Paulo, que encontraram nesse recurso um instrumento de conexão com as turmas nas quais lecionavam. Esses materiais estão disponíveis no canal do YouTube do Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar (GPEF), cuja descrição está disponível no site oficial e explicita a perspectiva cultural do componente como objeto de estudo.²

Muito embora a produção de corpos subversivos abarque diversos marcadores sociais da diferença, o foco recaiu na análise das gravações que trouxeram discussões sobre gênero e sexualidade, a partir da argumentação disponibilizada pelo referencial *queer* e *queer* decolonial, além das epistemologias que inspiram o currículo cultural, nas quais

² Um coletivo composto, em sua maioria, por professoras e professores que atuam na Educação Básica, realizam experiências pedagógicas e produzem conhecimentos a respeito da perspectiva cultural da Educação Física, também chamada de currículo cultural da Educação Física ou, simplesmente, Educação Física cultural. Disponível em <<http://www.gpef.fe.usp.br/>>. O canal Educação Física cultural — GPEF-FEUSP pode ser acessado em <www.youtube.com/gpeffeusp>..

se destacam os estudos culturais, o pós-estruturalismo e o multiculturalismo crítico.³

[P]ara mim, teoria *queer* e pensamento decolonial se configuram em campos abertos que se definem exatamente na medida em que se afeccionam e são afetados pelos Outros. O que torna o encontro entre essas teorias provável e fecundo é que não são pensamentos fechados em si, mas movimentos de abertura para Outros, de inserção de teorias-outras e de outras formas de pensar e ser (Pereira et al. 2019: 64).

A escolha de analisar o material produzido pelo GPEF se deu na medida em que as pesquisas anteriores (Neves 2018, Santos Júnior 2020, Neira 2020, Bonetto 2021, Duarte 2021, Reis 2021), identificaram que os/as docentes que afirmam colocar em ação essa teoria curricular estão comprometidas/os com uma educação que vise à formação de sujeitos democráticos, solidários e éticos, onde as diferenças sejam valorizadas e potencializadas.

As pesquisas sobre a Educação Física cultural têm mostrado que o/a professor/a assume a autoria curricular e suas escolhas são feitas no decorrer da tematização, por isso, refuta com veemência a ideia de roteiro, método, bem como sequência didática. Aposta na ‘artistagem’, criação, inventividade, escrita-currículo. Segundo Neira (2019: 78), as escolhas docentes influenciadas pelos pressupostos do currículo pós-crítico dão “vazão ao pensamento e à ação, concebe cada situação didática como um encontro, um acontecimento em que se cultivam a liberdade e a expressão”.

Posto isso, os registros filmicos produzidos e veiculados no contexto pandêmico e de isolamento social, tornam-se materiais empíricos potentes que nos ajudam a entrar em contato com o que foi possível realizar em situações adversas, incluindo as alianças formadas

³ Existem denominações diferentes para a proposta decolonial do *queer*, sendo elas *queer of colour* (Rea e Santos Amancio, 2018), *queer* decolonial (Pereira, 2015), *cuier* (Pelúcio, 2020) ou teoria cu (Pelúcio, 2016).

no cotidiano escolar. Na medida em que se faz importante tecer reflexões, examinando as dificuldades e potencialidades das ações docentes no contexto pandêmico, 78 vídeos referentes a 17 tematizações foram assistidos.⁴ Dentre essas, 5 abordaram as questões de gênero, o que nos permitiu selecionar um total de 31 vídeos para análise, mediante o confronto com os estudos *queer* e *queer* decolonial.⁵

Urge a necessidade de tornar públicas as cenas que problematizaram as normas que atravessam as práticas corporais, produzindo, controlando e regulando as subjetividades de suas/seus praticantes ou não. Salta aos olhos o interesse de docentes pelo tensionamento dos cis-temas normativos para que estudantes tenham condições de fazer uma leitura mais apurada de como as danças, lutas, ginásticas, esportes e brincadeiras são produzidas e reproduzidas na sociedade, assim como as pessoas que delas participam.

Os/as docentes que produziram os vídeos analisados, ao colocar em ação o currículo cultural da Educação Física, empenharam-se em engendrar uma educação que afirma as diferenças como condição de existência, que visa produzir espaços democráticos com sujeitos solidários e, para garantir o contato das/os estudantes com a educação escolar naquele período desafiador, respeitaram as restrições e consideraram o agravamento das desigualdades sociais no (re)pensar de suas práticas cotidianas. Profissionais que, no caos, estabeleceram relações éticas com as inúmeras possibilidades de existir no mundo.

Os intelectuais devem aceitar-se como intelectuais de retaguarda, devem estar atentos às necessidades e às aspirações dos cidadãos comuns e saber

⁴ Tematização é o conjunto de encaminhamentos pedagógicos que o/a docente desenvolve, juntamente com os/as estudantes, no intuito de melhor compreender e reelaborar as práticas corporais de acordo com as condições disponíveis na escola.

⁵ Dos 5 relatos de experiência analisados, 2 registram tematizações (dança e futebol feminino) que ocorreram na EMEF Maria Rita Braga, Zona Sul de São Paulo, 2 (capoeira e práticas culturais nordestinas) na EMEI Nelson Mandela, Zona Norte de São Paulo e 1 na EMEF Dep. José Blota Júnior, Zona Sul de São Paulo.

partir delas para teorizar. De outro modo, os cidadãos estarão indefesos perante os únicos que sabem falar a sua linguagem e entender as suas inquietações. Em muitos países, esses são os pastores evangélicos conservadores ou os imãs do islamismo radical, apologistas da dominação capitalista, colonialista e patriarcal (Sousa Santos 2020: s/n).

Com base nessas reflexões, algumas perguntas orientaram os fios e tramas da pesquisa: quais ações didáticas permitem aos sujeitos relatarem a si mesmos, considerando o contexto de isolamento social? É possível desestabilizar determinadas crenças e supostas verdades apresentadas pelas/os estudantes quando se está em contexto remoto emergencial? É possível escutar as/os discentes diante das peculiaridades do contexto? É possível na escola (mesmo que virtual), balançar esse cis-tema embranquecido?

BUGANDO' AS TELAS, ATRAVESSANDO VIDAS

*E tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós. Tudo, tudo, tudo que nós tem é.*⁶ Nas palavras de Emicida, imergimos num emaranhado de práticas docentes que querem produzir uma outra estética de possibilidades de existência junto às/aos estudantes e à comunidade escolar, uma estética que permita melhores condições de vida. Uma estética que parte do encontro, das afecções, da solidariedade, da parceria.

Nada tenho a dizer sobre as formas com que todos ou a coletividade deverão viver, contudo, acredito que os encontros, entre as muitas tecnologias de sobrevivência dos muitos sujeitos que têm a morte como solo constante de suas ações, possa afetar e produzir práticas que,

⁶ Trecho da música *Principia* de Emicida, com participação de Pastor Henrique Vieira, Fabiana Cozza, Pastoras do Rosário. Recuperado em 16 jan. 2023 de <<https://www.youtube.com/watch?v=kjggvv0xM8Q>>.

deformando-nos os hábitos, permitam a constituição de novas práticas e novas molduras (Vieira 2019: 123).

A busca por alternativas é uma marca do nosso tempo, e talvez elas não estejam nas elaborações abstratas de invenção do futuro de um outro sujeito. Talvez já estejam por aí, espalhadas nos encontros disruptivos, no cotidiano de quem insiste em viver quando há uma incessante produção de morte, nas experiências de afronta, de afeto revolucionário, de cuidado de si e do próximo, de aliança, de visibilidade de corpos contra-normativos. No aqui e no agora.

Meu nome é Aline, sou professora de Educação Física da Rede Municipal de São Paulo e também sou árbitra de futsal pertencente ao quadro da FIFA. O professor Felipe estava me explicando algumas coisas da tematização de vocês e me disse também que vocês, durante as vivências, acabaram percebendo a participação não tanto efetiva das meninas. E aí eu chego aqui para a gente conversar sobre isso, a participação da mulher dentro de uma prática constantemente valorizada, normatizada como uma prática genuinamente masculina. A ideia hoje é a gente colocar um outro ponto de vista, uma outra história pra gente tentar borrar um pouco essas significações. Antes disso, eu queria mandar uma mensagem para vocês de carinho e de conforto. Espero que vocês possam estar conseguindo se cuidar dentro das casas de vocês, na medida do possível, fazendo isolamento social, pois de fato, até agora, é a única coisa que vem dando melhores resultados nesse momento tão difícil, em momentos que a gente não sabe o que vai acontecer e momentos que a gente nunca passou. Contem comigo para se eu puder ajudar vocês em alguma coisa (Aline Santos do Nascimento).⁷

⁷ Fragmento do vídeo *Educação Física cultural na quarentena — Futebol - Parte 2*. Recuperado em 16 jan. 2023 de <<https://www.youtube.com/watch?v=NQqest-3Mdl0>>.

O incentivo a cuidar-se e ficar em casa também diz respeito ao gênero, pois o uso das máscaras e o próprio distanciamento social era menor por parte dos homens do que das mulheres, como aponta Peter Glick.⁸ Por mais que hoje já se tenha extensa bibliografia dos estudos feministas e *queer* explicando que os sujeitos se constituem para além do binarismo de gênero —homem-mulher— (Butler 2019; Halberstam 2020; Haraway 2009; Hooks 2019; Lauretis 2015; Preciado 2017), é preciso pensar que esse resultado tem a ver com a produção das masculinidades no ocidente, do mito de que a virilidade e força do homem têm de ser capazes de enfrentar e resistir a tudo, até mesmo a um vírus que não faz distinções ao infectar.

Quando as/os docentes, figuras de afeto das/os estudantes, gravam vídeos incentivando a não aglomeração, cria-se um espaço no campo enunciativo que potencializa a veiculação pública de discursos que atuam na desestabilização das políticas de morte produzidas e disseminadas cotidianamente, ação que vai ao encontro dos princípios ético-políticos do currículo cultural da Educação Física (Bonetto e Neira 2019).

Tal estratégia não consta apenas no vídeo de Aline, mas também no do professor Flávio.⁹ Micropolíticas de cuidado instauraram-se nas alianças feitas por corpos que se esforçaram para se manterem próximos, presentes e vivos. Se antes, na luta incansável por uma educação pública e de qualidade, professoras/es já desenhavam esses circuitos de afeto com cada estudante, a urgência do momento fez com que esses gestos ganhassem uma outra roupagem: a produção de memórias contra-normativas (Gonzales 1984; Preciado 2020). Além disso, estudantes poderiam visitar o material produzido e disponibilizado nas redes a

⁸ Recuperado em 23 jan. 2023 de <<https://blogs.scientificamerican.com/observations/masks-and-emasculatation-why-some-men-refuse-to-take-safety-precautions/>>.

⁹ Vídeo *Educação Física cultural na quarentena - Futebol - vídeo 3*. Recuperado em 19 jan. 2023 de <https://www.youtube.com/watch?v=aoYj-W956Cc&list=PL1hR4ziLfY_Vx-HN91EzlxlziNU5b7wWR>.

qualquer momento. Os registros compuseram um arquivo para a posteridade. Essa construção de memórias se torna ainda mais importante se considerarmos o contexto pandêmico, tendo em vista que tais pesquisas e produções são fundamentais para compreendermos como aquelas situações foram vividas e superadas.

Segundo Preciado (2020), os registros produzem memórias de um tempo, uma maneira de rememorar o que foi vivido, lançando seu próprio corpo no texto como modo de experimentação, construindo suas narrativas enquanto escritas de si. Foi preciso imaginar outras maneiras de comunicação e linguagem, novas maneiras de narrar os acontecimentos e afetos. Memórias que não aquelas atravessadas por concepções hegemônicas, normativas e totalitárias. O que se viu foi uma política de confronto e resistência às políticas de morte potencializadas pelo necroestado brasileiro (Safatle 2019). Subjetividades reunidas hibridamente, produzindo políticas de reconhecimento (Butler 2018). Novas inteligibilidades foram costuradas à mão durante as tematizações *artistadas* em meio ao caos.

Se vou levar uma vida boa, vai ser uma vida vivida com outros, uma vida que não é uma vida sem esses outros; não vou perder esse eu que sou; seja quem *eu* for, serei transformado pelas minhas conexões com os outros, uma vez que a minha dependência do outro e a minha confiança são necessários para viver e para viver bem. Nossa exposição compartilhada à condição precária é apenas um fundamento da nossa igualdade potencial e das nossas obrigações recíprocas de produzir conjuntamente as condições para uma vida possível de ser vivida (Butler 2018: 239).

E, pensando nas tematizações realizadas, a fabricação de corpos genericados e a própria ideia de um não cuidado de si e do Outro foram balançadas quando esse professorado construiu cenas potencialmente disruptivas, como na tematização do futebol. A produção desses materiais suspendeu, mesmo que momentaneamente, as ideias de gênero e corpo ao gravar um vídeo com essas provocações, trazendo outra estética de vida para a cena.

Os estudantes perceberam que as meninas, na maior parte das vezes, são colocadas de lado pelos meninos nas micro-relações. Na hora das escolhas, na hora do passe da bola, os meninos prendiam muito a bola e não passavam para as meninas. [...] O segundo ponto é, nessa pandemia as pessoas estão mais em casa, e infelizmente eu estou vendo na maior parte dos jornais que a violência doméstica aumentou. [...] E os estudantes já vinham percebendo que as mulheres são deixadas de lado em vários momentos no futebol. Até no registro dos próprios estudantes, quando eles registraram e desenharam o futebol, [...] a maior parte deles desenharam só homens. Por que será que a maior parte deles desenharam só homens? Por que no futebol de quarta-feira à noite, na maior parte das emissoras, o que passa é o futebol masculino? A Copa do Mundo de futebol feminino é pouco visualizada, as comemorações não são tão grandes quanto no masculino. E isso foi tudo criado por conta dessa sociedade que a gente vai vivendo. As crianças do 4° e 5° anos já perceberam isso (Felipe Nunes Quaresma).¹⁰

O professor, ao retomar percepções levantadas nos momentos de vivência da prática corporal pelas/os estudantes, trouxe um recorte importante das questões de gênero em nossa sociedade, sobre a violência contra a mulher que aumentou na quarentena (Lima 2021). Abrir portas sobre esse assunto também é parte das políticas de alianças, pois as crianças podem encontrar naquele professor um suporte caso lhes suceda algo semelhante. Reis e Eggert (2017) ressaltam a importância de uma educação a favor da equidade de gênero e do respeito à diversidade sexual frente ao aumento das práticas de violência e discriminação baseadas em gênero, orientação sexual e identidade de gênero.

Além desses elementos, o professor produziu uma estética de visibilidade das questões ligadas ao gênero no futebol. Pensando nas peculiaridades do ensino remoto, aproveitou a oportunidade para abordar a questão no vídeo e ensejar algumas reflexões que seriam disparadoras

¹⁰ Fragmento do vídeo *Educação Física cultural na quarentena: futebol - vídeo 1*. Recuperado em 16 jan. 2023 de <<https://www.youtube.com/watch?v=hMKeLiei8M>>.

para a continuidade da investigação da ocorrência social da prática corporal, incluindo as relações do próprio corpo discente. Como proposta de ampliação, a participação da professora Aline criou possibilidades de conhecimento de outros pontos de vista, a partir de uma pessoa que cria e recria a prática com sua participação nela como árbitra, e antes como atleta (Nascimento 2022).¹¹ Por, naquele momento, serem as meninas que estavam sendo *colocadas de lado*, como disse o professor, a aparição de um corpo como o de Aline poderia trazer as fissuras que ela mesma pretendia, como colocado em sua fala, para determinadas concepções sobre a participação daqueles corpos nas aulas.

Quando colocamos a lente na perspectiva de raça e gênero, é possível perceber uma maior dificuldade de acesso e participação efetiva, o que faz, por exemplo, que a mulher negra tenha um caminho mais pedregoso que as demais. E quando um estudante nega essa trama dizendo que “não cola muito” essa história de que mulheres negras enfrentam maiores dificuldades de acesso ao futebol, citando a presença das jogadoras Marta e Formiga na seleção brasileira, os professores Flávio e Felipe decidem ampliar a arena enunciativa trazendo para a cena didática Jamila e Rafa, praticantes de futebol.

Conseguir assistir um jogo da seleção feminina de futebol não significa de forma alguma que o acesso a essa prática é tranquilo e se dá de uma forma ok [...] A gente não tem escolinhas de futebol dentro dos nossos bairros [...] que sejam específicas para meninas [...], quando a gente nasce a gente não ganha uma bola, a minha primeira bola foi a bola que eu comprei. [...] Evidentemente que a minha familiaridade com a bola não é a mesma de um cara que já nasceu com a bola e ficou durante toda sua infância jogando de um lado e pro outro com todas as pessoas apoiando. Mesmo porque, quando eu ia jogar na escola e pedia para jogar, porque era assim, as pessoas não me chamavam para jogar, eu tinha que pedir

¹¹ A ampliação é um encaminhamento didático-metodológico que permite que os/as estudantes acessem outros significados alusivos às práticas corporais, podendo agregar novos saberes.

para jogar. Às vezes eu pedia e deixavam, às vezes eu pedia e não deixavam. Além do preconceito de raça que eu sofria, eu sofri muito racismo na escola, que eu era preta, era macaca, tinha o lance de que o futebol não era para mulher. Então eu não tinha que jogar. Fora as piadinhas de que eu era maria macho, sapatão, que eu era maria homem, todos esses tipos de fala porque eu gostava de jogar bola e não tinha apoio das pessoas que estavam ao meu lado para dizer assim “não meu, vamos lá, vai jogar” [...] O que era natural para os meninos não é natural para as meninas. Então quando vocês dizem assim “tem menina jogando” isso não é o suficiente. Se você acha que a mulher pode, que ela deve estar no futebol [...] tenha uma prática diferenciada e chame as meninas para jogar. E não é chamar a menina para jogar para ficar no gol. Porque também tinha isso, eu era chamada para jogar, mas eu era chamada para ficar no gol. Eu nunca era a primeira a ser escolhida. Tinha eu e uma amiga de pele clara com o cabelo que não era encaracolado que jogava [...] mas na verdade a minha amiga de pele clara ela era escolhida e eu, enquanto mina preta, ficava lá e era a última. E quando eu era chamada era para ficar no gol e eu não sabia defender, aí eu tomava gol, todo mundo me xingava porque “você é ruim”; “tá vendo, não tem que jogar”. Assim foi indo a minha infância com o futebol e eu acredito que muitas meninas ainda passam por isso (Jamila, ex-atleta de futebol amador).¹²

A partir do momento em que a gente é invisível não tem como as outras pessoas verem que existem essas pessoas que jogam futebol e que estão no esporte e gostam de estar. Então, quanto mais a gente fica invisível, mais as informações não chegam. O objetivo da gente ter esse time é justamente mostrar o quanto têm pessoas transexuais dentro do esporte, seja ele o futebol ou qualquer outro dele (Rafa, homem trans, fundador de uma equipe de futebol de atletas trans).¹³

¹² Trecho retirado do vídeo intitulado *Educação Física cultural na quarentena: futebol- vídeo 6*. Recuperado em 16 jan. 2023 de <<https://www.youtube.com/watch?v=XR1DSADtdDc>>.

¹³ Vide nota de rodapé 12.

As narrativas de Jamila e Rafa, quando apresentadas às turmas, contribuíram para que estudantes percebessem como os mecanismos e processos de regulação atuam produzindo o controle *do* e *no* futebol, bem como de suas/seus praticantes. Certas posições de sujeito têm suas participações impossibilitadas por não performarem com exatidão a estética, o gesto, a gramática corporal adequada à prática esportiva. A aparição pública das performatividades corporais de Jamila e Rafa escancaram as fabricações sociais heteronormativas, abrindo espaço para novas possibilidades de participação esportiva. Sendo o corpo o equipamento de existência e explicitação, o encontro desses corpos, mesmo virtualmente, é o que possibilita brechas, pois as fissuras ocorrem *em e a partir* da iteração corporal.

Assim, sugiro que não há gênero sem essa reprodução de normas que corre o risco de desfazer e refazer as normas dominantes de maneiras inesperadas, abrindo a possibilidade de refazer a realidade de gênero diante de novas linhas. Deste modo, o gênero é contínuo, aberto à revisão, em risco para um futuro diferente. Isso faz a diferença quando consideramos quais intervenções podemos fazer para o futuro do gênero (Butler 2017: 38).

Pressupondo que não há gênero ontologicamente fixo, como traz Butler, é fulcral pensar a necessidade da aparição pública desses corpos para a produção de outras estéticas e possibilidades de existência. Trata-se de inventar ou pensar outros usos para os instrumentos que a norma nos oferece, resignificando-os a fim de que rompam, mesmo que momentaneamente, com o enquadramento de violência e subalternização. Se o gênero é prostético, como nos propõe Preciado (2017), então é preciso criar outros usos dessa instrumentária. Na mesma medida, explanar proposições criativas e contra-normativas de fazer viver para outros âmbitos do corpo e do fazer cotidiano, como nos encontros nas aulas. Quando docentes, por exemplo, encontram formas de fazer os corpos discentes e a comunidade escolar se encontrarem e se atravessarem, mesmo no âmbito remoto, bem como trazem figuras dissidentes

para ampliar os conhecimentos de estudantes que vivenciam as mais diversas práticas corporais, surge a lacuna da possibilidade de implementação de uma prótese disruptiva e que mexa no cis-tema.

Nos vídeos produzidos pelo corpo docente da EMEI Nelson Mandela, percebem-se os saberes da comunidade escolar sendo valorizados e visibilizados, bem como os saberes de representantes das práticas corporais. Em muitos vídeos constata-se a participação de trabalhadoras/es da escola e familiares das crianças enunciando seus conhecimentos sobre as práticas corporais, bem como informações trazidas a partir de outras fontes de pesquisa.¹⁴ Essa variedade de materiais construídos com as crianças, possibilitando espaços de visibilidade para uma multiplicidade de histórias, saberes diversos, propiciando a aparição destes corpos e suas vozes, contribuíram para a descolonização do currículo (Neira 2019). É o movimento de descentralizar as propostas tradicionais de quem são os sujeitos que detêm o conhecimento nas comunidades escolares.

Descolonizar é se desprender da lógica da colonialidade e de seus efeitos; é desapagar-se do aparato que confere prestígio e sentido à Europa. Em outras palavras: descolonização é uma operação que consiste em despegar-se do eurocentrismo e, no mesmo movimento em que se desprende de sua lógica e de seu aparato, abrir-se a outras experiências, histórias e teorias, abrir-se aos Outros encobertos pela lógica da colonialidade, em que esses Outros são menores, abjetos, desqualificados (Pereira et al. 2019: 64).

É a partir do incerto que se tece a escrita-currículo na Educação Física culturalmente orientada. Essa escrita é a abertura para as vivências do instante presente, sem tentativa de produzir algo previamente articulado ou de produzir entendimentos instantâneos sobre os encontros vivenciados. O *queer* decolonial vem dessa maior atenção à existência

¹⁴ Vídeo *Educação Física cultural na quarentena - Capoeira- Vídeo 8*. Recuperado em 16 jan. 2023 de <https://www.youtube.com/watch?v=v_7i5PGI2LY>.

de matrizes de poder que naturalizam hierarquias entre os sujeitos, hierarquias que levam a processos complexos de dominação na lógica da colonialidade masculina, hétero e branca (Pereira 2015). O encontro entre os estudos *queer* e decoloniais advém de viagens, de trajetos incertos, de movimentações desses corpos e dos sentidos produzidos, tudo nos instantes vivenciados *com e a partir* do corpo. E nessas premissas, o trajeto se cruza com o da Educação Física cultural, numa busca pela disrupção, pelos desmantelamentos, pelas incertezas, pelo criativo.

O desejo é complexo: subverter a lógica moderna e hegemônica de se fazer educação, agindo por rupturas e por experimentações, substituindo o velho pelo novo, sem que este também se torne, apenas, um novo modelo. Ao contrário, é uma proposta contra qualquer elemento prescritivo, contra qualquer ordem ou sequência. Não é um modelo a ser seguido, mas um antimodelo (Bonetto e Neira 2019: 13).

Os vídeos analisados materializam a escrita-poética do antimodelo, que pretende descolonizar os saberes em sua própria aparição. Não há certeza dos impactos dessa escrita, pois as forças que eclodem nesses encontros soltam fagulhas criativas imprevisíveis. Registram os fazeres da “artistagem” docente, das produções coletivas da comunidade escolar, das enunciações dos saberes discentes, produzindo uma proposta contrassexual, uma prótese curricular (Augusto e Neira 2021) que visa criar lacunas, rasuras que fazem eclodir o potencial solidário e democrático de vida, que atravessa não só as/os estudantes, mas também quem as/os produz, pois no retorno à prática muita coisa também se transforma. A gravação dos vídeos se torna mais uma das próteses curriculares que tentam torcer as normas, sendo tanto registro enquanto produção de materialidade, quanto material que permite a avaliação da própria prática docente. A escrita desse registro, em tempos pandêmicos, deu vazão a outras formas de consubstanciar a prática cotidiana docente. Foram produzidos vídeos com uma mescla de áudios, registros filmicos, fotográficos, músicas, desenhos, narrações, numa “artistagem” que

buscava alternativas de fazer emergir diversas vozes em meio ao caos do contexto remoto emergencial.

As próteses curriculares de registro e avaliação se configuram como primordiais para o investimento da descolonização não só do currículo, mas do olhar docente, pois permite a revisitação da prática de maneira constante e intermitente, partindo da materialidade registrada através dos vídeos ou gravações em áudio da aula, anotações, diário de campo, relatos de experiência, ou mesmo numa rememoração do que vem sendo realizado junto às/os estudantes. A avaliação do próprio fazer docente é o que instaura o trânsito, a viagem, o olhar crítico para si, estremecendo qualquer sistema em que o/a professor/a seja detentor de supostas verdades (Augusto 2022: 153).

O processo de priorização e manutenção dos vínculos afetivos no momento de pandemia, quando a solidão se instaurou e cada pessoa precisou isolar-se em nome da contenção do vírus, descolonizou as estruturas curriculares que priorizavam o conteúdo. Fissurou até mesmo a concepção do que é conteúdo, de quais aprendizagens deveriam fazer-se presentes nas trocas cotidianas na escola. Trouxeram à cena as políticas de cuidado, o circuito dos afetos (Vieira 2019). O que se viu foi a busca incessante por produzir uma pedagogia solidária em que os corpos, seus cheiros, seus gozos, seus medos, suas precariedades e suas vulnerabilidades fossem reconhecidas e valorizadas.

“Ninguém Solta a mão de ninguém” é um postulado ético, de solidariedade mútua, proteção e cuidado, porém, entre uma mão e outra existem diferenças que remetem à própria constituição da humanidade dos sujeitos e do enquadramento de suas vidas como vivíveis ou não. Que mãos estamos dispostos a segurar e não soltar? Ou ainda, quais mãos sequer enxergamos para segurar e não soltar? O chão que se pulveriza sob nossos pés nos traga desigualmente e de formas múltiplas (Vieira 2019: 125).

E se há mãos dadas entre docentes e discentes, o mesmo ocorre nas docências compartilhadas. Os professores Flávio e Felipe instigaram suas turmas a pesquisar sobre a dança. Não há como saber quais foram as afecções e transformações advindas da partilha docente, mas pode-se pensar a potencialidade desse caminhar junto ao longo do período letivo remoto emergencial. O trabalho coletivo embaralha a ideia neoliberal de individualismo (Dardot e Laval 2016), rompe com a lógica da autossuficiência e escancara a necessidade de pensarmos relações de interdependência, “enquanto seres sociais e corporificados, vulneráveis e passionais, o nosso pensamento não chega a lugar nenhum sem a pressuposição das condições interdependentes e de sustentação da vida” (Butler 2018: 132). A parceria possibilita um fazer docente comprometido eticamente com a produção de espaços pedagógicos que ajudem estudantes a fazer uma leitura mais apurada das práticas corporais em sua ocorrência social. A partir das trocas para a elaboração das aulas e dos materiais, mais fagulhas criativas e explosões de ideias podem surgir. Após mapear os conhecimentos discentes, os professores perceberam que um determinado tipo de corpo aparecia nas fotos de pessoas dançando enviadas pelas/os estudantes.¹⁵ O fato foi sinalizado no vídeo, assim como o pedido de que pensassem quais corpos apareciam no material enviado.¹⁶ A pergunta, com seu caráter interrogativo, criava territórios temporários de tensionamento das estéticas ali expostas. Além de temporários, eram incertos, tanto pelo caráter imprevisível das propostas, quanto pelo tempo do encontro que era outro no contexto remoto emergencial. Corroborando as percepções de Neira (2021), o que antes na aula acontecia de maneira

¹⁵ Mapear significa identificar quais práticas corporais estão disponíveis aos/às estudantes para então documentá-las, a partir do procedimento de documentação pedagógica, a fim de elaborar o planejamento das aulas. O mapeamento ocorre ao longo de todo o percurso investigativo da prática corporal. Essas práticas podem estar presentes nas vivências dos/as estudantes ou no universo cultural mais amplo.

¹⁶ Vídeo *Educação Física cultural na quarentena - Dança - Vídeo 2*. Recuperado em 16 jan. 2023 de <<https://www.youtube.com/watch?v=MIF0xelWSNk>>.

dinâmica e fluida — professor lançava um questionamento, estudantes eram impactados/as com a interrogativa e tinham o espaço de resposta no momento —, no remoto, a marcação temporal é outra: há uma brecha considerável entre a postagem e a resposta das/os estudantes. Junto com as brechas, vieram mais incertezas, já que não havia como saber quais estudantes acessariam a indagação e como eram afetadas/os.

Nesse emaranhado de dúvidas e tempos desencontrados, as/os professoras/es investiram em mais produções de memórias e aparições de outras estéticas corporais. No vídeo posterior, o professor compilou as respostas das/os estudantes na plataforma.¹⁷ Os professores, a partir disso, elucidaram que nas buscas online determinados corpos ganham visibilidade e, por isso, criaram uma ação *hackeadora* desse cis-tema branco das buscas pela internet, mostrando corpos contra-normativos e dissidentes, convidando as/os estudantes a fazê-lo também. Eis o movimento (cu)ier.

Os movimentos de *hackeamento* que emergiram dos corpos dissidentes e foram produzidos por corpos-em-encontro podem ser atribuídos a um novo fazer docente. Por mais que os princípios ético-políticos da Educação Física cultural agenciaram os/as professores/as, as situações didáticas tiveram de ser reinventadas em função das especificidades do contexto.¹⁸ Foi a experiência do não saber que possibilitou a chance de reinvenção. Foi a prática da ‘artistagem’ docente no seu ápice.

Durante a tematização do basquete, o professor Diego, ao entrar em contato com as narrativas discentes, percebeu que as crianças só falavam sobre ligas norte-americanas e masculinas.¹⁹ Isso mostra como

¹⁷ Vídeo *Educação Física cultural na quarentena - Dança - vídeo 3*. Recuperado em 16 jan. 2023 de <<https://www.youtube.com/watch?v=ZMjxs3rijgM>>.

¹⁸ Reconhecimento do patrimônio cultural corporal da comunidade; articulação com o projeto político pedagógico da escola; justiça curricular; descolonização do currículo; rejeição ao daltonismo cultural; ancoragem social dos conteúdos; e o favorecimento da enunciação dos saberes discentes (Neira, 2019).

¹⁹ Vídeo *Educação Física cultural na quarentena - Basquete - vídeo 02*. Recuperado em 19 jan. 2023 de <https://www.youtube.com/watch?v=Zyr30zhQ0fo&list=PL-1hR4ziLfY_Vx-HN91EzlxziNU5b7wWR&index=72>.

a visibilidade de determinados corpos impera no terreno esportivo, ao passo que produz significações normativas que controlam o imaginário corporal e as subjetividades de quem muito, pouco ou nada, se relaciona com a estética corporal do basquete, no caso, as crianças.²⁰ O professor, compromissado com um currículo que vai se moldando a partir dos atravessamentos e que se deixa agenciar pelos princípios éticos-políticos, gravou um vídeo para discutir o basquete feminino:

Eu decidi gravar esse vídeo para tratar um pouco das ligas femininas [...] WNBA e da LBF [...] A primeira é norte-americana e a segunda é brasileira. [...] A WNBA [...] foi fundada em 1996 [...] seu primeiro torneio em 1997 [...] ela compõe 12 franquias [...] e uma coisa muito interessante que a gente pode problematizar é que várias equipes que iniciaram lá em 1997 não existem mais, inclusive uma equipe de Houston que foi quatro vezes campeã do torneio. [...] É muito difícil o esporte aqui no Brasil se manter, em especial e pior ainda o feminino e é objetivo deste estudo reconhecer, perceber e tentar fazer alguma coisa. [...] Na WNBA, no período de férias, muitas jogadoras vão para outros países jogar basquete porque elas não conseguem viver tão somente dos salários que essas franquias lhes pagam. As jogadoras vêm fazendo várias tensões a fim de reconhecimento e valorização e neste ano houve um aumento de 53%, além de outros vários direitos trabalhistas como, por exemplo, a licença maternidade. [...] [...] É importante citar uma jogadora, a Maya Moore [...] ela deixou a liga para se dedicar e levantar fundos para defender um homem negro que foi preso, julgado e condenado injustamente nos Estados Unidos [...] usou a sua fama para poder se posicionar em pró do outro, dos seus pares, da comunidade. E isso nesse ano tem sido regra [...] na liga masculina, os jogadores fizeram várias pressões para que a liga

²⁰ Em 2021, instaurou-se um debate sobre o tratamento inferior destinado às mulheres num torneio universitário dos EUA. Após as reivindicações e publicações nas redes sociais de Sedona Prince, atleta da Universidade do Oregon, a organização do evento (NCAA) teve que recuar e melhorar a estrutura feminina para a continuidade da competição.

assumisse essa campanha por igualdade racial e também pela questão de que vidas negras importam. No entanto, a gente percebe que não é comum esse posicionamento político daquelas pessoas que têm uma plataforma, que têm uma certa fama pra poder levar essas reivindicações a outros patamares, muito pelo contrário, o que a gente percebe é uma certa omissão e até, às vezes, uma certa concordância (Trecho da fala do professor Diego).

Na sequência, o professor Diego convida as turmas a assistir o vídeo *Invisible Player* a fim de instigar comentários sobre a desigualdade de gênero produzida no esporte a partir da ideia de “invisibilidade”.²¹ O professor recorda do chavão “quem não é visto não é lembrado” e diz que isso é algo importante a ser investigado. Em tempos pandêmicos, quando nos vemos diante das telas, como tornar-se visível? Como produzir uma prática pedagógica que potencialize que os conhecimentos discentes venham a público? Como essa visibilidade produz espaços de reconhecimento social e afirmação das diversas possibilidades de existência?

Sem incorrer na busca por respostas, mas pensando a partir das inquietações, a questão da visibilidade e de como encontrar-se com estudantes foi pensada em cada registro fílmico produzido e veiculado, em cada situação didática planejada, cada encontro estabelecido e as maneiras como docentes, artistas curriculares, se lançaram nas plataformas digitais, buscando *bugar* os cis-temas.²² A aposta consistiu em criar fissuras e defasagens contranormativas, num movimento performático cotidiano de riso, reapropriações *queer*, sabotagens, movimentos de *hackeamento* que partiam do corpo, numa viagem sempre inconclusiva, emergindo de corpos dissidentes, abjetos, do cu do mundo.

²¹ Recuperado em 16 jan. 2023 de <<https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>>

²² Mapeamento, leitura da prática corporal, vivências, resignificação, aprofundamento, ampliação, registro e avaliação (Neira 2019).

INCONCLUSÕES

Travessias incertas, andanças receosas, trânsito em aliança. O contexto de pandemia gerou muitas angústias no professorado, estudantes e familiares, que se depararam com um cenário jamais vivido. Diante da crise sanitária, econômica, política e social, as/os docentes precisaram, mais do que nunca, trabalhar e pensar coletivamente em propostas de manutenção da vida e de produção de um circuito de afetos. Precisaram também reinventar as maneiras de ampliar as leituras de mundo. As produções filmicas dos trajetos percorridos nas tematizações realizadas ao longo de 2020 e 2021, por alguns/mas docentes que afirmaram colocar o currículo cultural da Educação Física em ação, dão algumas pistas de como essas práticas foram se constituindo e permitindo ser possível (ou não) a presença de determinados corpos no seio das tematizações.

A organicidade das produções filmicas analisadas não camufla os desafios e desamparos destes tempos pandêmicos, onde professores/as expuseram domicílios, privacidades, convidando as crianças a adentrar um outro ambiente para continuar trilhando o percurso educacional de mãos dadas. O currículo cultural da Educação Física passou por um momento de reinvenção do seu processo de ‘artistagem’, mais do que nunca foi preciso desconstruir o que se acreditava saber e (re) pensar modos outros de estar em parceria com a comunidade escolar e manter os princípios ético-políticos da proposta como elementos agenciadores do fazer docente. Não como parte de uma visão romantizada, com a ideia de que docentes se “reinventaram” e “superaram os desafios em nome do amor à profissão”, mas na reafirmação de que, apesar de todos os esforços para o desmonte da educação pública e para maquiagem do desamparo às escolas, famílias, estudantes e profissionais da educação, foi possível produzir cenas de descentralização, de fissura, de tensionamento, de acolhimento, de cuidado. Os corpos subversivos foram incluídos nesse processo.

As políticas de vida puderam ser organicamente criadas por um fazer docente que se manteve próximo, atento, sensível — no contato

via WhatsApp; no cuidado com os vídeos gravados e postados; na utilização do YouTube como plataforma de veiculação para potencializar a acessibilidade das/os estudantes, diversificando, assim, os meios de contato; nas videochamadas realizadas com as crianças quando necessário e viável; na manutenção da valorização das enunciações discentes como elementos que guiam as situações pedagógicas. A “artistagem” que caracteriza a escrita-currículo também se faz na percepção da mudança dos contextos — na reformulação do próprio entendimento do fazer docente para uma situação jamais vivida, na projeção de um currículo culturalmente orientado voltado para um contexto pandêmico, nas estéticas distintas de produção de materiais veiculados (vídeos com avatar, montagens, edições caseiras, postagens escritas, mensagens, podcasts, etc.). O fazer docente aconteceu por meio de um circuito de afetos, onde os profissionais criaram redes de apoio para trocar experiências e manter o contato próximo com as crianças para estancar a evasão escolar e que as/os estudantes se protegessem, na medida do possível. Essa foi uma das mais importantes próteses contrassexuais e disruptivas, que permitiram que o currículo cultural da Educação Física se fizesse presente *por e em* cada corpo-discente-docente. Uma educação pela vida. O entrecruzamento entre o *queer* e o decolonial surge nesse trânsito de corpos que se unem em suas diferenças e precariedades para potencializar suas existências, sempre em campos abertos e inconclusos de diálogo e cooperação, a partir de saberes descolonizados e que possibilitam a insurgência de contrapostas de mundo neoliberais e individualistas.

Nesse desnudamento da precariedade dos sujeitos, os corpos-docentes-discentes caminharam juntos tentando entender quais as possibilidades de investigação sobre as práticas corporais tematizadas no ensino remoto emergencial. O professorado, ao fazer postagens nas plataformas digitais ou mesmo ao contatar estudantes e famílias via WhatsApp, retomando as respostas e produções das/os estudantes nos vídeos gravados no percurso da tematização, inventou novas formas de materialização dos corpos, vozes e histórias. Houve, em cada vídeo elaborado, uma outra maneira de produzir memórias dos saberes discentes

e docentes, dos processos de ampliação e aprofundamento dos conhecimentos acessados, dos próprios sujeitos que constituíam os vídeos.²³ O material filmico enviado às/aos estudantes possibilitou a revisitação do mesmo, fazendo com que aqueles corpos e vozes pudessem ser vistos de novo e uma vez mais, funcionando como uma prótese curricular (Augusto e Neira 2021) com caráter performativo, onde as cenas se (re)constituíram a cada contato do professorado com as/os estudantes, com cada material enviado, com cada novo sujeito representante da prática corporal tematizada que relatava a si mesmo e suas experiências, em cada questionamento deixado pelas/os professoras/es para incentivar o corpo-discente a mergulhar num mundo de pesquisas sobre o que vinha sendo estudado. Tudo isso abriu, possivelmente, brechas para que esses corpos emergissem do interior das tematizações, ganhando visibilidade e atravessando o currículo numa possibilidade de gerar multidões *queer* que caminham juntas na potencialização da reinvenção constante e infinita das práticas corporais.

Nesse sentido, é que vislumbramos a proposição como uma *pedagogia engajada*, e consideramos que o currículo cultural e seus/suas artistas têm sido assim, ativistas políticos/as que persistem na luta pela afirmação das diferenças e pela construção de uma sociedade menos desigual, mais justa e democrática. Por hora, esse vem sendo o desafio e a aposta dessa comunidade pedagógica que, recusando a hegemonia e unanimidade, busca encontrar-se e produzir-se com as crianças, jovens, adultos e idosos nas aulas de Educação Física (Duarte e Neira 2020: 296).

E nessas andanças, as/os professoras/es encontraram outras formas engajadas de produzir cenas com possibilidades disruptivas. Apesar do esquema heteronormativo que impera na sociedade e que transita entre

²³ O aprofundamento é um encaminhamento didático-metodológico que tensiona uma leitura e interpretação crítica das práticas corporais e seus/suas representantes, reconhecendo o contexto sócio-político e as forças que produzem e constituem tais práticas.

as práticas corporais, produzindo tentativas de controle e regulação de corpos e que, de alguma maneira, coloca determinadas posições de sujeito em condições de violência corretiva — porque partem da impossibilidade de existir —, esses corpos continuam lutando pelo direito de ler, vivenciar, resignificar e produzir outros olhares para os esportes, danças, lutas, ginásticas e brincadeiras. Diariamente inventam e tecem caminhos pedagógicos que permitam o reconhecimento social das diferenças como condições de existência. Longe de serem representadas/os como heroínas/heróis, são sujeitos que estabelecem alianças, reconhecem a precariedade constitutiva que atravessa seus corpos, seus fazeres pedagógicos e a interdependência que os constitui, criam fagulhas criativas, emperram engrenagens e utilizam próteses em meio ao universo virtual. Colocam em ação uma pedagogia engajada, inacabada, que almeja a possibilidade de uma vida possível de ser vivida, ética, democrática e solidária. Os vídeos aqui analisados compuseram tematizações que foram ao encontro desses objetivos.

Não há condições de afirmar se foram atingidos, pois inexistente controle sobre como cada vídeo, cada encontro, cada situação pedagógica atravessa as/os estudantes. O que se tem é uma aposta de que podem ser caminhos importantes no desmantelamento das produções normativas e binárias das práticas corporais, e é nela que se investe, de maneira que o/a professor/a vai se revestindo desses saberes e dessas leituras da sua prática, do fazer docente de seus/suas colegas e das devolutivas que recebe, o que permite reorientar os trajetos.

Na construção desses caminhos, onde as cenas pedagógicas se constituem enquanto percurso sem fim, com ênfase na experimentação e nas vivências do momento presente, ganha corpo a plasticidade da ‘artistagem’, de maneira que os vídeos examinados mostram a pluralidade do fazer docente, das formas de trabalhar com os marcadores sociais da diferença, especialmente os de gênero e sexualidade. Mas essa pluralidade que rejeita métodos fechados e passo a passo, insere-se e constitui-se enquanto contrato paródico, pois ao mesmo tempo que não segue receitas, é orientado por uma linha condutora, os princípios ético-políticos. Borges (2019) entende que, se não se infere a

existência de um modelo, ao menos existe uma constante repetição de determinadas ações didáticas pautadas em tais princípios. Nesse sentido, seguindo na esteira do contrato contrassexual de Preciado (2017), entende-se que o agenciamento constante pelos princípios ético-políticos na elaboração das propostas pedagógicas é a aposta nessa produção subversiva de um currículo que afirma trabalhar a favor e na potencialização das diferenças, que pretende descentralizar os binarismos de gênero. É um contrato radicalmente paródico vivido e experienciado *no* e *pelo* corpo-docente, que segue sendo afetado por esses conhecimentos produzidos no seio de sua prática. “Sinto meu coração batendo, tum tum tum” — foi a fala de uma criança sobre como se sentia ao ouvir o forró, durante a tematização das práticas culturais nordestinas pelo grupo de professoras da Educação Infantil.²⁴ É sobre esse som que arrebatava o peito, que move da cabeça aos pés e também o entorno, que afeta.

Mas, quais foram os mecanismos que garantiram a possibilidade de continuidade de agência docente na produção do currículo cultural da Educação Física? O que possibilitou que ele se mantivesse, não de maneira igual, pois o contexto não era o mesmo, mas em uma “artitagem” que seguiu orientada pelos princípios ético-políticos mesmo durante o ensino remoto emergencial? Relação com o projeto político pedagógico da escola e abertura por parte da gestão, além da construção de alianças que ajudaram na inspiração dessas/es docentes, podem ser algumas das características que possibilitaram que os encaminhamentos pedagógicos ocorressem tal como ocorreram. Contudo, não podemos deixar de citar que não é em toda instituição escolar que isso foi possível e que existem muitas/os professoras/es que encontram dificuldades e entraves na efetivação de um currículo culturalmente orientado. Isso se torna mais um fator que demonstra a necessidade de ampliação desses debates, de maneira que se possa expandir as reflexões

²⁴ Vídeo *Educação Infantil na quarentena - Práticas Culturais Nordestinas - vídeo 4*. Recuperado em 16 jan. 2023 de <<https://www.youtube.com/watch?v=OsKGGs-lx6MM>>.

sobre a importância e urgente necessidade de se produzir uma pedagogia engajada e bem fundamentada. Os estudos feministas, de gênero, *queer* e *cuier* ajudam a pensar essas possíveis novas andanças e de composições curriculares.

Ao longo do artigo, foi-se construindo uma possível linha de análise sobre como as práticas docentes ajudam a dismantelar o binarismo de gênero; a tentativa de invisibilizar determinados corpos, histórias e vozes; as histórias únicas (Adichie 2019); e o olhar colonizado sobre os sujeitos. Essa é uma entre as muitas formas de ler os significados produzidos no interior da Educação Física cultural e a partir da prática docente, mas ela não esgota as infinitas possibilidades de análise. Não se pretende, aqui, orquestrar um trabalho que fixe os sentidos, que produza cartilhas de como trabalhar com os marcadores sociais da diferença, ou mesmo o que se deve ou não fazer em tempos de ensino remoto emergencial. As práticas docentes focalizadas são experimentações, são a própria vida pulsando, são formuladas nas dúvidas e incertezas de um corpo-docente que se desnuda em suas vulnerabilidades para pensar em como trabalhar em aliança. Na mesma linha, o *queer* e o *queer* decolonial foram desenhados ao longo da escrita em formato fluido, sem pretender definições fechadas. O encontro entre produções teóricas e trechos filmicos foi o que favoreceu a tecitura das análises empíricas, em uma costura que não finda aqui, mas que convida que mais pesquisas sejam feitas para pensar o que vem sendo construído no interior do currículo cultural, principalmente em um contexto de ensino remoto emergencial. Concordamos com José Saramago ao afirmar que “A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa [...] O fim de uma viagem é apenas o começo de outra”. Findamos este artigo convidando, então, ao começo dessas novas viagens que trarão outras perspectivas sobre o que foi realizado no período remoto, mas sem antes deixar de reafirmar que nada substitui a possibilidade de toque, do olho no olho, dos abraços, do afeto, do ensino presencial nas escolas.

REFERÊNCIAS

- Adichie, Chimamanda Ngozi. 2019. *O perigo de uma história única*, São Paulo, Companhia das Letras.
- Augusto, Cyndel Nunes e Marcos Garcia Neira. 2021. “(Um) Currículo cultural contrassexual? Movimentos que possibilitam corpos em trânsito”, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 43, pp. 1-9.
- Augusto, Cyndel Nunes. 2022. “Encontros no cu do mundo: alianças entre os estudos feministas, queer (decolonial) e a Educação Física cultural”, tese de mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- Bonetto, Pedro Xavier Russo. 2021. “Esquizo-experimentações com o currículo cultural de Educação Física”, tese de mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- Bonetto, Pedro Xavier Russo e Marcos Garcia Neira. 2019. “A escrita-curriculo da perspectiva cultural da Educação Física: por que os professores fazem o que fazem?”, *Revista Educação*, vol. 44. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/33532>>.
- Borges, Clayton César de Oliveira. 2019. “Governo, verdade, subjetividade: uma análise do currículo cultural da Educação Física”, tese de doutorado, Universidade de São Paulo.
- Butler, Judith. 2017. Alianças queer e política anti-guerra, *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, vol. 16, núm. 11, pp. 29-49. Disponível em <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/12530>>.
- Butler, Judith. 2018. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Butler, Judith. 2019. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Dardot, Pierre e Christian Laval. 2016. “O esgotamento da democracia liberal”, in *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*, São Paulo, Boitempo, pp. 377-402.
- Duarte, Leonardo de Carvalho. 2021. “Educação Física cultural na Educação Infantil: imagens narrativas produzidas com professoras e crianças nos/dos/com os cotidianos de uma EMEI Paulistana”, tese de doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo.

- Duarte, Leonardo de Carvalho e Marcos Garcia Neira. 2020. “Currículo cultural da Educação Física: a produção de uma pedagogia engajada”, *Humanidades & Inovação*, vol. 7, núm. 8, pp. 282-300.
- Gonzales, Lélia. 1984. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, *Revista Ciências Sociais Hoje*, pp. 223-244. Disponível em <<https://www.encurtador.com.br/hAIW6>>.
- Halberstam, Jack. 2020. *A arte queer do fracasso*, Recife, Cepe.
- Haraway, Donna. 2009. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século xx”, in Tomaz Tadeu da Silva (org.), *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*, Belo Horizonte, Autêntica, pp. 33-118.
- hooks, bell. 2019. “Erguer a voz”, in *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*, São Paulo, Elefante, pp. 30-39.
- Lauretis, Teresa de. 2015. “Teoria queer, 20 anos depois: identidade, sexualidade e política”, *Revista MORA*, vol. 21, núm. 2, pp. 107-118.
- Lima, Everton. 2021. “Violência contra as mulheres no contexto da COVID-19”, *Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz. Comunicação e informação, Divulgação científica, nov., s/p*. Disponível em <<https://shre.ink/cKZy>>.
- Nascimento, Aline Santos do. 2022. “Queerizando o currículo cultural de Educação Física: apostando na produção de novos marcos de reconhecimento a partir das cenas didáticas”, tese de mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- Neira, Marcos Garcia. 2019. *Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica*, Jundiá, Paco.
- Neira, Marcos Garcia. 2020. “Os conteúdos no currículo cultural da Educação Física e a valorização das diferenças: análises da prática pedagógica”, *Revista e-Curriculum*, vol. 18, núm. 2, pp. 827-846.
- Neira, Marcos Garcia. 2021. “O possível e o impossível da Educação Física cultural em tempos de pandemia”, *Humanidades & Inovação*, vol. 8, núm. 62, pp. 210-223.
- Neira, Marcos Garcia e Mario Luiz Ferrari Nunes. 2022. “Currículo cultural, linguagem, códigos e representação”, in Marcos Garcia Neira e Mario Luiz Ferrari Nunes (org.), *Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física*, São Paulo, Universidade de São Paulo, pp. 14-38.

- Neves, Marcos Ribeiro das. 2018. “O currículo cultural da Educação Física em ação: efeitos nas representações culturais dos estudantes sobre as práticas corporais e seus representantes”, tesis de mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- Pelúcio, Larissa. 2016. “O cu (de) Preciado – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil”, *Iberic@!l: Revue D'études Ibériques et Ibero-américaines*, vol. 9, pp. 123-136.
- Pelúcio, Larissa e Tiago Duque. 2020. “‘Cancelando’ o cuier”, *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, vol. 10, núm. 1, pp. 125-151.
- Pereira, Pedro Paulo Gomes. 2015. “Queer decolonial: quando as teorias viajam”, *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, vol. 5, núm. 2, pp. 411-437.
- Pereira, Pedro Paulo Gomes, Tereza Spyer, Henrique Leroy e Leo Name. 2019. “Pedro Paulo Gomes Pereira: Corpos e teorias decoloniais e queers, interpelados e em trânsito”, *Revista Epistemologias do Sul*, vol. 3, núm. 2, pp. 58-72.
- Preciado, Paul B. 2017. *Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual*, São Paulo, N-1 Edições.
- Preciado, Paul B. 2020. *Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia*, São Paulo, Zahar.
- Rea, Caterina Alessandra e Izzie Madalena Santos Amancio. 2018. “Descolonizar a sexualidade: Teoria queer of Colour e trânsitos para o Sul”, *Cadernos Pagu*, vol. 53, pp. 1-38.
- Reis, Ronaldo. 2021. “Educação Física cultural e africanidades: entre decolonialidades, Exu e encruzilhadas”, tese de mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- Reis, Toni e Edla Eggert. 2017. “Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros”, *Educação & Sociedade*, vol. 38, núm. 138, pp. 9-26.
- Safatle, Vladimir. 2019. O necroestado brasileiro. [Youtube]. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CCgL60UJTck>>.
- Santos Junior, Flavio Nunes dos. 2020. “Subvertendo as colonialidades: o currículo cultural de Educação Física e a enunciação dos saberes discentes”, tese de mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo.

Sousa Santos, Boaventura de. 2020. *A cruel pedagogia do vírus*, Coimbra, Edições Almedina.

Vieira, Helena. 2019. “Notas (im)possíveis para um futuro insistente”, in Tainã Bispo (org.), *Ninguém solta a mão de ninguém: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades*, São Paulo, Claraboia, pp. 121-135.